

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2475

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

SÁBADO, 25 DE DEZEMBRO DE 1926

O Natal dos desempregados

Não se presta o dia de hoje para longas considerações filosóficas sobre temas sociais. O assunto, o grande assunto do dia é o Natal ou a Festa da Família, como lhe queiram chamar. E seríamos de uma indelicadeza atroz se, neste momento, em que tanta gente se diverte e se bate com opíparos manjares, recordássemos a fome, a miséria que vai por esse mundo.

Muitos burgueses endinheirados se entregam hoje, mais do que nunca, ao doce prazer de viver. Nos seus lares reina a alegria. Com mais ou menos pompa pagá, com mais ou menos brilho, o bom burguês finge que festeja o nascimento de Jesus. Mas, no fundo, o que ele festeja é a sua própria pessoa, o que ele celebra é a sua família, a sua felicidade. Jesus e o resto da humanidade que se arranjam.

A festa do Natal entrou nos hábitos do povo. Os operários, os que não avessam um vintém, fazem também esforços inauditos por neste dia terem uma sopa mais forte e surpreender os filhos com o presente de um brinquedo barato. Há, porém, os desempregados que há mais de um ano não têm onde ganhar uma cêdea de pão. Esses jantam lágrimas e, ante a alegria dos outros, sentem mais funda a sua dor.

Para esses vai neste instante o nosso pensamento de solidariedade e a esperança de que eles, impedidos pela própria miséria, saberão ser, pela luta audaz e pela compreensão das verdades sociais que tão duramente experimentam, os obreiros mais diligentes de uma sociedade nova e igualitária.

Um esplêndido numero do Suplemento de "A Batalha"

O próximo do Suplemento de A Batalha, que se publica na segunda-feira, é o que se chama um número em cheio. Tudo nele se aproveita, desde a primeira à última linha. Leitura instructiva e ao mesmo tempo agradável, visto que ela alia a beleza literária à importância dos assuntos versados, ela não deve ser desprezada pelo operário.

Abre o Suplemento com um soberbo artigo de Mário Domingues sobre as Confissões do Ano Novo, numa manhã fria de inverno, segue-se-lhe uma pequena nota literária de M. D., sobre as boas festas das donzelas burguesas e das raparigas pobres. Ladislau Batalha publica um esplêndido artigo sobre a evolução da Família, tema de flagrante actualidade. Jesus Peixoto, cujas críticas teatrais vêm alcançando um êxito notável, ocupa-se da discutida peça do dr. Ramada Curto — O Caso do Dia. Mário Coelho, estudante indiano, cursando em Coimbra, insere um curioso poema *Cinzas de Glória*, e ainda de Coimbra publicamos um extrato completíssimo da conferência do dr. Afonso Duarte, sobre o génio revolucionário de Gomes Leal.

Publica o Suplemento Literário de A Batalha, além das apreciadas secções Chico, Zeca & C. e O que todos devem saber, mais alguns artigos todos inéditos sobre espectáculos para crianças, moral social, etc.

Notas & Comentários

Mediando

Escarranchado na mais mundana das aréas lisboetas, um órgão jornalístico que defende uma seita secularmente criminosa, dissoluta e inhumana, aplaudiu, com uma ignorância tão brutal como a do Índex, a perseguição movida a um modestíssimo semanário que, num recanto apartado das cidades, defende ideias generosas e humanas. Ora, isto é tão hediondo que nos merece apenas enérgica repulsa, nunca um desejo de discutir ou esclarecer.

De cabo da esquadra...

Os cabos da esquadra da Boa Vista dirigiram aos comerciantes da área um cartão de boas festas a exemplo do que costumam fazer os cobradores de várias colectividades e os porteiros dos teatros. O fim a atingir é arranjar alguns escudos para broas. Os comerciantes, para não perderem um amigo enviaram as broas aos imprestáveis e estes quando aqueles transgrediam as leis perdoadas não pelo bem que lhes fizeram. Esta é que com razão se pode classificar de cabo de esquadra!

As calamidades públicas

Um teatro incendiado

NEW-YORK, 24. — Foi completamente destruído pelas chamas o teatro de Wimpag. Quando os bombeiros faziam o ataque, desmoronou-se uma parede ficando soterrados 3 bombeiros cujos cadáveres não foram ainda descobertos e cinco soterrados ferimentos graves. — (L.)

Um contrabando inesperado

BERNE, 24. — Foram surpreendidos por uma tempestade de neve, nove contrabandistas de tabaco, quando atravessavam a fronteira suíço-italiana, próximo do convento de S. Bernardo, cujos monges, com enormes dificuldades e auxiliados pelos seus cães, salvaram sete. Dois dos contrabandistas desapareceram. — (L.)

Só o trabalho e a inteligência podem ser títulos de orgulho para o homem, e nunca o colorido da sua pele

Para nós não há raças — há humanidade. A face do direito à vida e da solidariedade humana — não se pode distinguir o branco do preto, o vermelho do amarelo. Todos são homens, todos possuem um coração palpitante no peito, todos tiveram ou têm uma mãe sofredora que os lançou ao mundo e ninguém foi, antes de nascer, consultado sobre o seu destino. A cor da nossa pele não é de nossa culpa. A epidemia não se conquista pelo trabalho ou pela inteligência, honra-se com o trabalho e com a inteligência. Acusar um homem de ser branco é mais iníquo do que acusar Jesus de ser bondoso.

Pode uma pessoa ser negra por deliberação de sua vontade? A cor da pele, essa está acima da vontade dos homens e dos deuses, porque sendo estes bons como os apresentam, se tivessem moldado o barro humano em suas mãos carícias, não teriam dividido a humanidade em raças, não teriam feito toda igual, solidária e fraterna.

O colorido da pele é o irremediável — aceita-se como é. Por isso nunca renegamos a cor que temos. As qualidades e os defeitos que possuímos são muito nossos porque são iguais às qualidades e aos defeitos de todos os homens de qualquer raça. Não podemos, não devemos por um elevado princípio de dignidade humana aceitar os vexames que os homens de raças diferentes nos queiram infligir, porque não queremos, em nome das nossas ambições, obrigar os outros, os mais claros ou mais escuros, a rojar-se aos nossos pés adorando o pigmento carregado da nossa epidemia.

Os povos nem sempre têm compreendido estas verdades. Houve tempo em que a sua ingenuidade e sede de aventura foi explorada por minorias ambiciosas. Estas, erguendo ao alto ideais aparentemente sedu-

tores, levaram-nos para a loucura sangrenta e bárbara das conquistas. A África tem sido através dos séculos o continente martir, a vítima inocente de uma guerra de extermínio feita, umas vezes em nome de Jesus, outras, ainda, à sombra da palavra civilização. Se o sangue fecunda a terra bravia, bem fecunda deve ser a terra africana pela rega sinistra de sangue de brancos e negros, envolvidos em guerras fratricidas por culpa de seus senhores.

Nada lucram os povos com as desinteligências de seus donos. E mal anda o pobre diabo branco ou negro, amarelo ou vermelho, que leva a causa do seu senhor — pátrio ou Estado — tanto a peito e a tal ponto que lhe sacrifique o seu irmão de raça diversa. O branco pobre, escorraçado da metrópole pela fome, pela indiferença dos poderes públicos que não lhe garantem pão nem trabalho, que não lhe vestem os filhos nem alimentam as esposas, esse branco despresado, esse escravo de uma sociedade iníqua que tão mal procede para com ele, que é branco, como para com o africano, que é preto, uma vez em África julga-se super-homem e, às ordens dos que o exploram, explora o seu irmão negro, e ao mesmo tempo que o rouba, rouba o indígena ingénuo. É um escravo que escraviza outros escravos.

Há dias em São Tomé, porque um preto ganhara umas eleições, houve brancos (quantos deles moralmente mais escravos do que os negros?) que cometeram barbaridades tremendas contra os nativos. Foram do assalto à casa alheia ao assassinato repugnante. E depois de cometidas estas vergonhosas proezas quedaram pobres escravos como dantes. Escravos do capitalismo que lhes explora o trabalho exaustivo; es-

cravos do Estado a quem pagam impostos e cuja soberania sobre um povo que quer e tem direito a ser independente, continuam mantendo com o sacrifício do seu sangue e com o ódio dos seus crimes.

Vivemos numa época em que estas questões têm de ser encaradas de frente e corajosamente por todos os homens livres. Os povos já não aceitam tutelas. Os imperialismos vão derruindo estrepitosamente. Cada raça, cada nação, até mesmo cada indivíduo ergue o pendão rutilante da sua Liberdade. Por ela se vive e por ela se morre em todos os cantos do mundo — na China como na Índia, no Turquestão como na África. E quanto mais se empenham os Estados soberanos em assegurar pela violência a sua soberania que está fora do espírito da humanidade deste século, mais aumenta a legião imensa dos que se querem libertar. Pela cultura, pela inteligência, pelo trabalho, homens de todas as raças, de todas as cores, de todos os continentes, ascendem às mais altas posições mentais. Na odiada América do Norte, intransigente para com a raça africana, há negros regentes de cadeiras nas grandes universidades; a Índia fornece à humanidade formidáveis poetas como Tagore e Gandhi; em França, escritores negros alcançam disputados prêmios das academias literárias.

É certo que impérios como a Inglaterra subjugam ainda, pela violência das suas armas, cruzadores e pela violência das suas armas, povos inteiros. Mas o génio humano que floresce delicado e belo em todos os continentes valem as violências. As rosas depois de esmagadas cheiram melhor. Assim é a inteligência humana — destruído o homem, fica o seu génio que o imortaliza.

Mário DOMINGUES

O dia do "sol novo"

Lá fora, vento e chuva. Aqui, só eu, junto da lareira, numa atmosfera morna e amigável. O relógio, dependurado ali, vai contando o tempo sossegadamente, imperturbável, frio, sem urgência e sem preguiça, entoando o seu tic-tac suspirante.

Ao fundo desta pequena casa, num quarto humilde, já dormem e sonham talvez coisas floridas, ingenuas, as minhas pequenas.

Batem, com força, as vidraças, estremecem, palpitam. E ouço gemer as árvores, agitados por um vento sinistro, que, pelos caminhos escuros e em trevas, há de fazer lembrar aos viandantes as histórias trágicas da Idade Média, com emboscadas, roubos e assassinatos.

Chove mais rijo. Bateguas marulham no telhado e as bicas fartas dos beirais crepitam na calçada.

São 10 horas da noite. É dia de Natal, o dia que muita gente festeja com banquetes, com festas inundadas de gulodices e de vinho e com os preconceitos de que eu não gosto nada, que vêm de muito longe, corridos, batidos pelo tempo, já envelhecidos, mas ainda resistentes.

Ontem à noite, véspera do Natal, foi a consolação. Diz-se que, a consolação, se deve reunir toda a família, em redor da mesa, e comer-se entre sorrisos, entre amor, entre harmonia. Que as afrontas, as ofensas se devem esquecer, para que na família possa reinar somente a paz e a ternura, prestando ao Deus menino as homenagens mais puras, imaculadas e solenizando com sentimentos generosos, lindos, o seu aniversário.

Há famílias que andam desavindas todos os dias do ano e só nesse dia se encaram e se falam sorridentes. Depois continuam de mal, continuam odiando-se para no Natal do ano seguinte representarem a mesma comédia.

Outros são sempre indiferentes e, no dia de Natal, sorriem. Há casas em que o pai é desprezado e pede esmola pelas ruas; em que os irmãos estão longe e vivem ao abandono, entre côdeas e farrapos; em que os filhos, desencaminhados, prosperos, param não se sabe bem em que lugar e em que miséria.

Mas nesse dia, só nesse dia reúnem os que podem e todos são lembrados e todos são amigos, com uma simpatia que a maior parte das vezes é um escárnio atrás, e sorriem com uma fisionomia que é uma carência, dessas carências horrivelmente cósmicas e alegres, que a gente vê na talha dos altares e dos teatros.

Muitos são mais esmolados em dia de Natal. Muitos, talvez os mais fervorosos crentes, só lamentam, só olham para os pobres, para as misérias do mundo em dia de Natal.

Não seria preferível que houvesse fartura, harmonia, só, gozo, paz familiar, sorrisos e ternura em todos os dias do ano, e só no dia de Natal, ou só num dia do ano se sofresse o abandono e as necessidades?

O inverso é que eu desejaria: 364 dias de felicidade, um só de desventura! Um só, para se conhecer o que era também o sofrimento que nós produzimos!

Muita gente está convencida de que o dia de Natal é o dia do nascimento de Cristo. Engano. Esta data era celebrada no paganismo em honra de alguns deuses preferidos, e já ela tinha mais remotas origens no mito védico.

Entre os romanos, as confrarias de Baco, de Mithra, de Venus e de Isis celebravam todos os anos, a 25 de Dezembro, esta natividade divina. Levava-se em todo o império em procissão a imagem do deus recém-nascido, deitado no berço. Aos gritos de *Evoê Baco!* misturavam-se os de *Annui!* ou *Natal!* Isto é: nasceu-nos um Deus! (1)

As festas do Natal eram dedicadas aos deuses solares, porque se considerava que era nesse dia que o sol renascia, para um ano novo e quente, de dias grandes e flo-

ridos. Sucedia isso na Índia, com Agui; no Iran, com Mithra; na Grécia e na Fenícia, com Thammuz, Adónis e Apolo; no Egipto, com Osiris; e até com Budá. Todos estes deuses — nascem a 25 de Dezembro, no solstício de inverno, numa virgem mãe, numa gruta ou num estábulo, no meio de animais. (1)

O cristianismo transigiu com as tradições e, depois, o Catolicismo ampliou e consagrou mais essas tradições bárbaras. Os cristãos, diz um documento siríaco, tomavam parte nas festas e regozijos do dia do sol novo. Notando isso, os doutores da Igreja resolveram colocar naquele dia o nascimento do Senhor. (2)

Os partidos cristãos, de resto, celebravam o nascimento do Nazareno em épocas divergentes: uns a 24 de Abril, outros a 25 de Maio e outros a 5 de Janeiro. Só em 354 é que o 25 de Dezembro começou a ser solenizado como a data do nascimento de Cristo, e mais tarde o papa Júlio I, que morreu em 377, adoptou essa data definitivamente (Malvert).

A história fala-nos deste modo.

A iniquidade e o fanatismo é que não podem compreender e admitir que assim seja.

M. O.

O DOGMA DA MENTIRA

(1) Item. (2) Ibidem.

O Santo "Joãosinho"

PORTO, 23. — A semana transacta, um diário desta cidade muito atreito a espalhados religiosos, publicou um extenso relatório acerca do aparecimento, no cemitério da freguesia de Rio Meão, de um cadáver incorrupto, apesar de estar enterrado há uma boa soma de anos.

O povo fanático crismou-o de santo, e como a múmia se chamou em vida João, fica sendo considerado São Joãosinho. Quer dizer: como já temos o Senhor da Pedra principal e o Senhor da Pedra Pequena, tratam de fazer o respectivo réclame, para que fiquemos, doravante, a ter também o São João Grande e o São João Pequeno.

Neste réclame entrou, desenvolvendo-se, o diário em questão, fazendo um acolhimento estardalhaço de mil-demonios. E foi tão prodígio nos seus esmugalhados cuidados, que até noticiou que foi uma romaria, uma verdadeira peregrinação, que de longe fôra a Rio Meão ver o santo. Deu a entender que centenas, milhares de pessoas e inúmeros veículos de todos os feitios e tamanhos, povoraram as estradas vindas da Vila da Feira, Oliveira de Azeite, São João da Madeira e Couto Cucujães. Um horror de crentes palmilhando de todos os arredores.

Pois um camarada nosso, caixeiro viajante, que andou em serviço por aquelas terras, conta-nos que a aglomeração era tanta, que nem dera por coisa alguma. Perguntando a algumas pessoas daqueles lados sobre a anunciada peregrinação, disseram que só tiveram conhecimento pelo *Jornal de Notícias*.

Ora já está com um ponto à porta do cemitério com algumas pessoas do sítio, se fez um enorme conto em que se envolveram todas as estradas que partem de Vila da Feira, São João da Madeira, Couto Cucujães e Oliveira de Azeite.

Estes jornais fanático-religiosos são duma força. — C.

A BATALHA

«A Batalha» não se publica amanhã, encontrando-se hoje encerrados os nossos escritórios e oficinas.

ASSINEM Os mistérios do Povo

UMA CARICATURA

O homem que fez condenar um jornalista

Apareceu, não há muito tempo, um homem que soube da existência de um jornalista desde que leu um artigo de jornal, contundente e inofensivo em referência à sua respeitável pessoa. Pelo sim, pelo não, e porque era preciso guardar aparências que escondiam realidades tristes, o homem resolveu dar-se por ofendido.

Mas, depois de se considerar ofendido, o homem notou que as aparências continuavam exigindo-lhe que fosse até ao desforço. Então, houve uma luta entre a realidade e a aparência: a realidade, bem triste, chamava-se no âmbito da moral — cobardia — e a aparência no mesmo âmbito não passava de — dever de honra.

E a aparência venceu a realidade. Ainda bem — pensou o homem, que encontrou uma maneira cómoda e muito convencional de tirar um desforço espectacular sem a exigência do menor sacrifício. Como existissem juizes de causas alheias — bom, aí foi o homem fazer queixa.

Ora, pois, apareceu, tempos passados, uma lei que não foi bem aceite, mas vingou. E o homem, que se dava por ofendido, lembrou-se de que havia uns juizes com a missão de fazer cumprir uma lei que poderia até condenar as crónicas que na idade média se publicaram com todas as licenças. E esperou — que saber esperar ainda é uma virtude, muito mais em um homem de honra legalizada.

E bumba! o jornalista irreverente, mas pessoa de carácter, viu-se subitamente arremessado para uma cadeia. E ora tomal o homem desafiou a sua honra sem que isso custasse coisa alguma.

Quando saboreava, como um pigmeu estulto, a sua vingança, apareceu uma centena de jornalistas que se considerou responsável do artigo «ofensivo», tornando a publicação, a desafiar o homem «da honra» e a lei «da imprensa».

E a questão, agora, complica-se. Cá está a espera de que o homem, duas vezes ofendido, conseguindo que novamente a aparência vença a realidade, desafiante a sua honra. Que bonito vai ser tantos meses de cadeia, numa só sentença, para uma centena de reus conscientes!

O homem «da honra» ficaria sendo Gualberto Pires — O caricato. O jornalista será, para nós, o Felix Correia — o digno. Os reus conscientes serão — uma classe que conhece bem as noções de honra e solidariedade. A lei «da imprensa» continua sendo um documento — que não classificamos porque é proibido pela mesma lei.

O mundo burguês

A fraquesa do franco

PARIS, 24. — Os círculos financeiros consideram a acção desenvolvida pelo Banco de França na sessão de ontem na Bolsa como a demonstração de que o governo procura estabelecer a cotação em 122 francos por libra, evitando a manobra dos especuladores. A libra que antes da abertura do mercado, se cotava a 123, baixou para 122,25 e o dólar para 25,19 após a iniciação dos trabalhos. — L.

Negócios soviéticos

REVAL, 24. — Em princípios de Janeiro parte para Paris uma comissão do conselho superior de economia da União das Repúblicas dos Soviéticos, que vai propor aos capitalistas franceses várias concessões. — L.

Em São João de Latão

ROMA, 24. — Foi assinada a convenção entre a França e o Vaticano, tendo o embaixador francês sr. Doulet sido recebido esta manhã, com todas as honras litúrgicas, na capela de São João de Latão. — L.

Não pode lá ir...

OSLO, 24. — O sr. Briand telegrafou a comunicar que os deveres do seu cargo o inibem de ir a Oslo receber o prémio Nobel. — L.

A ILUSÃO DO NATAL

Um dia que faz esquecer as dores de uma população enfermeira

Quem é que de nós não sentiu a alegria do Natal, o febril desejo de estreitar um fato, de se refestelar com um manjar de finas iguarias? Quem é que dos leitores não teve a ilusão da Felicidade na penúltima semana do ano, ora aguardando o resultado da lotaria para verificar se o seu número foi premiado, ora esperando o dia para viver em íntima harmonia com os seus entes queridos?

Sim! Quem não experimentou essa sensação de beleza artificial, quem não vogou nesta quadra do ano pelos mares da alegria e da fraternidade?

Todavia o Natal é prosaico, conserva todos os anos o mesmo cenário bíblico, a mesma fisionomia lendária.

Nos estabelecimentos de especialidade, os mesmos presépios reclamando brinquedos para crianças. Nas praças públicas o mesmo nervosismo com a venda de perus. Nas confeitarias e pastelarias a mesma febre pela posse de uma dúzia de broas para oferecer a pessoa amada.

Com o Natal a Vida enverga o escafiandro do Artificio, dando à existência uma scintilha de beleza, quantas vezes hipocrisada.

No Natal esquece tudo: dores morais e dores físicas.

Se algum de nós se dispusesse a fazer um inquérito às enfermidades morais e físicas do nosso povo encontraria esta incontra-verdade: O Natal é o melhor agente terapêutico da humanidade.

Nem um anátema, um protesto — que dizemos! — um vagido contra a grande enfermidade social. Dir-se-ia que o Natal é a Harmonia personificada.

Nem enterites, nem pneumonias, nem bronquites — que dizemos! — nem um forte ataque de gripe aparece nesta quadra. Dir-se-ia que o Natal é a Cura personificada.

A distribuição de brinquedos às crianças no Hospital Estelânia

Nada mais alegre para as crianças do que um brinquedo. Mesmo que o seu estado de saúde inspire cuidados o brinquedo é sempre um motivo de contentamento, de infinita satisfação.

E proporcionar à infância estes momentos de alegria é para nós um gesto grande, digno do nosso mais rasgado aplauso.

Ontem no Hospital Estelânia houve um desses momentos de aparência feliz. A petizade foi contemplada com brinquedos e bolos, e durante alguns minutos nas suas expressões brilhou a alegria.

Já em outros dias do ano, quando o Natal vem longe nós temos visto esfusiar a mesma alegria, filha, então, do agradável ambiente prodigalizado pelo pessoal hospitalar, à frente do qual se encontra a fiscal D. Maria do Rosário Santos Rêgo, alma de sacerdotiza que pelas crianças é de um desvelo inigualável.

Com este ambiente de carinho e de afabilidade as crianças do Hospital Estelânia sempre que lhe proporcionam uma festa como a de ontem deliraram de contentamento, porque o seu infortúnio tem nele um grande lenitivo.

A festa de ontem no referido hospital, embora modesta, teve um cunho enternecedor.

Pelo Gabinete Recreativo, que a doutora D. Sára Benoliel fundou anexo à enfermaria do dr. Salazar de Sousa e que um ministério reconheceu como Escola Infantil, foram fornecidos às crianças daquela enfermaria variados brinquedos que deram motivo a grande alegria.

A distribuição foi feita por aquela doutora e pelas senhoras D. Eufrazinda Teixeira, D. Paloma Benoliel e pelas professoras da escola D. Mariana Vieira Rosa e Ilda Garcia.

Os Drs. Salazar de Sousa e António Martins acompanharam aquelas senhoras no seu belo gesto.

Na enfermaria do dr. Salazar de Sousa dois tradicionais pinheiros engradados de engraçados brinquedos e o *ecram* ali instalado eram outros dois motivos de contentamento da garotada.

Se é justo salientar a dedicação destas senhoras pelas crianças não é menos justo salientar também a dedicação do pessoal desta enfermaria nesta festa encantadora.

D. Luísa Ribeiro, enfermeira chefe, e D. Nadege Silvestre e D. Nazeré Costa, enfermeiras, foram as grandes auxiliares de toda aquela obra. Também é digna de louvor o franco apoio de D. Maria do Rosário, digníssima fiscal do hospital.

Por isso para todas estas senhoras, incluindo as que fazem parte do pessoal, vão os protestos da nossa admiração.

Mas há mais crianças no hospital. E dessas não se esqueceu a fiscal, pois mandou erguer duas árvores do Natal nos pavilhões que servem de enfermarias, dos quais é director o dr. Leite Lage. Num, de cirurgia, em engraçada algaraviada a pequenada agradece, numa alegria de satisfação que só os olhos da infância sabe ter, a lembrança da boa senhora.

No pavilhão de medicina as crianças, menos alegres devido à doença, agradeciam, todavia, a quem lhe proporcionava o prazer que sua doença amortece.

E junto dessas crianças sorriam as enfermeiras D. Zulmira Amaro Baptista, Rosa Luciano Martins e Leonilde Amélia de Almeida, que para a festa entregaram o seu quinhão de esforço.

Na enfermaria 4, do dr. Oliveira Soares, um grupo de senhoras da freguesia dos Anjos distribuiu aos pequenos ali internados bolos, que as crianças receberam alegres e satisfeitas.

Na Escola 35

Na Escola 35, que funciona no edifício 158 da rua de São Sebastião da Pedreira, foram ontem distribuídos aos alunos brinquedos numa pequenina festa, que decorreu muito animada.

Bólsa Agrícola

O sr. José Mateus Fernandes, director da Bólsa Agrícola, teve a amabilidade de nos enviar a quantia de 1.000 escudos, a fim de serem distribuídos pelos protegi-

Ontem tivemos no hospital de São José a confirmação desta verdade.

No átrio, aguardando a guia para hospitalização, permanecem ordinariamente uma vintena de pessoas, espalhando pelo ambiente as suas notas de dor, numa sinfonia misteriosa.

O pessoal da respectiva repartição, grandes almas afeitas àquela tragédia, a custo contem a avalanche satânica que quer assistência médica, que fuge da Morte!

Não possue vagas e os infelizes saturados com tanto esperar blasfemam, gritam seu infortúnio!

E todavia ontem naquele átrio de dor, numa viva alma! Dir-se-ia que a população de Lisboa é das mais sadias do Universo.

Por essa razão há camas, há vagas, esperando o primeiro que as queira preencher. Pretendentes não faltarão. O Natal é que os oculta, o Natal esconde-os nos *bas-fonds* do Mistério.

No Banco o movimento era diminuto. Pouca gente, poucos doentes, ali onde diariamente se acolhevia uma legião de gemidos, uma sorte de vendição pela doença.

Na consulta de Estomatologia, onde diariamente converge a Lisboa que não possui recursos para frequentar consultórios dentários, o movimento foi menor. Os médicos e o pessoal, desde a distinta enfermeira-chefe ao modesto criado, folgaram ontem um pouco. E pelos dias de grande azáfama em que nem tempo têm para respirar.

A população da capital não costuma doer os dentes no dia de Natal...

Nas outras repartições de serviços externos a mesma nota de abandono.

O Natal é o que afirmamos em cima: A personificação da Harmonia e da Felicidade de um povo ignaro!

dos de A Batalha. Aquela quantia é proveniente de multas às fábricas de moagem do Norte do país. E constitui, na expressão do sr. Mateus Fernandes, «uma pequena indemnização pelo farelo comido em vez de farinha».

Agradecemos em nome dos contemplados.

Teatro de São Carlos

Com os seus elementos de boas festas o sr. Ricardo Covões, empresário do Teatro de São Carlos e do Coliseu, teve a amabilidade de nos enviar dois camarotes, cinco «plateias» e uma torrinha d'aquele teatro para o espectáculo de ópera de hoje, o que penhoratamente agradecemos.

«Missão do Bem»

A Comissão Administrativa da Associação de Beneficência de St.º Estevão «Missão do Bem», com sede na rua dos Remédios, 164, 1.º, comemora hoje a Festa da Família, sendo pelas 12 horas vestidas e calçadas, por um grupo de senhoras, 20 crianças de ambos os sexos. — Às 13 horas serão distribuídos, para os mesmos senhores, agasalhos e bolos necessários da freguesia, sendo, em seguida dado um lanche, que constará de leite com cacau, pãozinhos com manteiga e bolos. Aos pensionistas de ambos os sexos, doentes, será também distribuído um auxílio extraordinário, que constará de bacalhau, batatas, açúcar, café, feijão, arroz, azeite, ovos e manteiga.

Junta de Freguesia dos Anjos

A Comissão Administrativa da Junta da Freguesia dos Anjos

1870

COMPANHIA DE SEGUROS MUTUALIDADE NA CONSTRUÇÃO CIVIL

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

INICIALMENTE FUNDADA EM 1914

CAPITAL { Realizado . . . 1.000.000\$00
Autorizado . . . 2.000.000\$00
Reservas 285.223\$23

SEDE

Largo do Carmo, 18, 1.º, E.
Rua da Trindade, 1-A

LISBOA

Telo gramas: LISMUTUAL
fone: C. 4112

Agência no Porto: RUA 31 DE JANEIRO, 18, 2.º

**SEGUROS CONTRA OS RISCOS DE INCENDIO
E DESASTRES NO TRABALHO**

CALEDONIAN INSURANCE COMPANY

Fundada em 1805

A mais antiga Companhia da Escócia
AUTORIZADA A TRABALHAR EM PORTUGAL

Capital e Reservas . . . L. 6,310.000
Receita anual em 1923 L. 2,087.000
Sinistros pagos . . . L. 19,843.000

EFFECTUAMOS: Seguros Marítimos, Guerra,
Minas e Torpedos, Seguros de Conservas,
incluindo Roubos e Apólices Futuras, Seguros
contra Fogo, Rato e Explosão de Gás,
Seguros contra Greves, Tumultos e Assaltos,
Seguros de Automóveis incluindo Fogo,
Choque e Colisão Roubos e Responsabilidade Civil

Agentes gerais para Portugal, Ilhas e Colónias

Correia Leite, Santos & C.ª
BANQUEIROS
53—Rua Augusta—59
—LISBOA—

Leilão de Penhores
R. A. M. Alegrete, 30
Recebo juros até 3 de Janeiro

"A Batalha" vende-se em todas
as tabacarias

Fábrica de Cimentos do Outão (PORTUGAL)

Cimentos: TENAZ -- AUDAZ -- PORTUGAL

Os melhores e mais vantajosos do mercado. De absoluta confiança
para todo o género de trabalhos, especialmente marítimos

Cal Hidraulica "OUTÃO"

— Eminentemente hidraulica, alta resistência e preza rápida —

SOCIEDADE TORLADES LIMITADA

(FUNDADA EM 1719)

32 - Rua Áurea - LISBOA

AGENTES DE NAVEGAÇÃO
OPERAÇÕES COMERCIAIS E FINANCEIRAS

Correspondentes:

em LONDRES: Lloyds Bank Limited, Westminster
Bank Limited, Brown, Shipley & C.º, Ham-
bros Bank Limited, Baring Brothers & C.º,
Limited.

em PARIS: Lloyds & National Provincial Foreign
Bank Limited, Crédit Lyonnais, Banque de
L'Union Parisienne, Banque Nationale de
Crédit.

em NEW-YORK: Brown Brothers & C.º
no BRASIL e RIO DA PRATA: Bank of London
& South America Limited.

e em todas as principais cidades.

SOCIEDADE NACIONAL DE PHOSPHOROS

Capital realizado: Esc. 12:000.000\$00

FÁBRICAS EM LISBOA E PORTO

em plena laboração, estando habilitada a fornecer
por completo os mercados do Continente e Ilhas

Tipos de madeira e cera — Luxo e correntes — Satisfazendo
toda a classe de consumidores

PEDIDOS AOS REVENDADORES GERAIS:
EM LISBOA:

NOGUEIRA, MARQUES & C.ª

92 — RUA DA ALFANDEGA

NO PORTO:

ALVES MACEDO & BORGES, SUC.ª

77, RUA DO BOMJARDIM, 1.º

Companhia Nacional de Navegação

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Serviço regular entre a Metrópole e a África Ocidental Portuguesa, e a África
Oriental Portuguesa.

Saídas de Lisboa em 1 de cada mês para os portos da África Ocidental e Oriental.
Saídas de Lisboa em 15 de cada mês, para todos os portos da África Ocidental.
Saídas extraordinárias de Lisboa e portos do norte da Europa para África,
unicamente para carga, sempre que as circunstâncias o exigiam.

FROTA DA COMPANHIA

Pequetes

«Nyassa»	8955 Ton	«Luabo»	1285 Ton
«Angola»	8315	«Chinde»	1382
«L. Marques»	6355	«Manica»	1116
«Mocambique»	5771	«Bomaba»	985
«Africa»	5491	«Ibo»	884
«Pedro Gomes»	5471	«Ambriz»	858

N. B.—Os últimos 6 vapores são empregados no serviço de cabotagem.

Vapores de Carga

«Cubango»	8300 Ton	«Cabo Verde»	6200 Ton
«S. Tomé»	6350	«Congo»	5080

Rebadores no Tejo
«TEJO», «DOURO» e «CABINDA»

Todos os vapores desta Companhia têm frigoríficos, luz eléctrica, excelentes
acomodações e todos os modernos requisitos de navegação, proporcionando
aos senhores passageiros, viagens rápidas e cómodas.

Escritórios da Companhia—Lisboa, rua do Comércio, 85.—Porto, rua da Nova
Alfândega, 34.

Agentes na Europa—Anvers, Elfe & Cie., 10, Quai V. Dyck, Hamburgo, E.
Th. Lind, 39, Alsterdam—Europahaus.—Rotterdam H. Van Krieken & C.º, P.
O. B. 653.

Telefones—Lisboa, P. B. X. Central 2365 a Central 2370.

Desejam Boas-Festas e um Novo Ano repleto de felicidades
aos seus Ex.ªs Fregueses e Amigos

MANOEL A. F. CALADO & C.ª L.ª

IMPORTAÇÃO DIRECTA.—ARMAZEM DE DROGAS, TINTAS, OLEOS, VERNIZES, PIN-
CÉIS E PERFUMARIAS.—ALVADE «POMBA».—FÁBRICA DE GESSOS,
CIMENTOS, CRÉ, PÓ DE PEDRA, ETC.

Fábrica: Depósito da Fábrica: Drograria e Escritório:
24, R. da Junqueira, 28 5, Boqueirão dos Ferreiros, 7 19, 20, L. do Corpo Santo, 22, 23

Telefones: Escritório, C. 1.073. — Drograria: C. 1.074. — Fábrica: Belém, 69

Joaquim Carlos da Silva

COM

Estância de Madeiras e Materiais de Construção

Deseja a todos os seus Ex.ªs fregueses e amigos, muito boas festas
e um ano novo próspero e feliz, e participa também a abertura
— da sua nova casa, onde tem para venda em grande stock: —

Madeiras: de pinho, casquinha, etc.; em grosso, serradas e aparelhadas,
em todos os comprimentos e grossuras, aplicáveis à Construção
Civil e Marcenaria, que vende por atacado e a retalho.

Materiais de Construção: Venda a Retalho
de Cal, Areia, Tijolo, Mo-
niscos, Azulejos, Telhas, Barro e tijolos refractários, Caneas, Cestros, Vassouras, Pregos,
Cimento estrangeiro e Liz, a peso e em barricas, etc., aos melhores preços do mercado.

Estância e Escritório

Rua Maria Pia n.º 18 (Junto à Estação
do Caminho de Ferro de Alcantara-Terra)

Telefone n.º 2204 Central

DEPOSITO: Rua de Sant'Ana à Lapa n.º 121

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos,
molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Tabacaria e Kiosque

A PRESTAÇÕES

Fatos, calçado, sobretudo, pelu-
ches, roupas brancas, chapéus, arti-
gos de lã, peles, capas e todos os
artigos próprios da estação, mobili-
lhas em ferro e madeira,—na antiga e
acreditada casa da Rua António
Pedro, 52.

O calçado mais sólido e mais
barato de Lisboa vende-se no
depósito da Sapataria Brasil, Rua
da Madalena, 206 e 212, a quem
apresente este anúncio, des-
conto 5 %.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

Sociedade Anónima Responsabilidade Ltd.ª

SEDE NO LOBITO—AFRICA OCIDENTAL PORTUGUESA

ADMINISTRAÇÃO EM LISBOA
AVENIDA DA LIBERDADE, 11, 1.º C

TELEFONES

N 4134 Agência
N 2123 Contabilidade
C 3183 Cais

AGENCIA NO PORTO — Rua Mousinho da Silveira 18, 2.º

Carreiras mensais entre a Metrópole e África
Occidental Portuguesa.

Serviço mensal especial para os portos de
Anvers e Rotterdam, e destes para a África, ofe-
recendo aos carregadores vantagens especiais.

Frete directos de África para os principais
portos da Europa e América e destes para África
em serviço combinado com outras Companhias de
Navegação.

Carreiras mensais para a Guiné portuguesa.

AGENTES NA EUROPA

Rotterdam—Kersten Hunik & C.º, Veerkade, 1.

Anvers—Armement Deppe, 8 rue de Bordeaux.

Paris e Havre—Inter Maritime & Fluvial, 66, rue de Caumartin--Paris.

Hamburgo—Bernardino Correia & C.º, Gr. Reichenstr. 3.

Londres—A. J. J. Kersten, 32, Great St. Helens.

Armazens para receber carga à Rocha do Conde de Obidos

FROTA DA COMPANHIA

LOANDA
AMBOIM
GUINÉ
GANDA

CASSEQUEL
BENGUELA
LOBITO
BISSAU

PELES!!!

A casa que melhor sortido apresenta
e que mais barato vende é a

PELARIA CONFIANÇA

3—Rua da Palma—3-A

Esta casa tem sempre um grande stock
de malinhas para senhora, vindas directa-
mente das melhores fábricas estrangeiras.

Barreiros & Jesus

TELES. N. 5691



Milhares de curas



SE DEVEM AO

HERPETOL

Unicómedo eficaz para as doenças da PELE

Esta criança foi torturada por uma forte comichão.
Depois de ter usado várias pomadas e outros ingre-
dientes que aos pais aconselhavam, resolveram con-
sultar o médico, o qual recebeu um frasco de HER-
PETOL.

pele, que tinha a aparência escamosa muito terri-
fada, levando a criança a um permanente coçar, logo
as primeiras aplicações do HERPETOL sentiu-se sen-
sivelmente aliviada, e antes de terminado um frasco
todas as manifestações haviam desaparecido.
É recomendado em todos os casos de eczema
humido e seco, manchas, erupções, espinhas emorde-
duras de insectos.

A venda em todas as farmácias e R. da Praza, 257.

Lisboa: e na R. das Flores, 153, Porto.

Menstruação

Aparece rapidamente seja qual
for a causa tomando o

FERREOL

Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00.

Envia-se pelo correio à cobrança.

FARMACIA CUNHA

R. da Escola Politécnica 15 e 13

LISBOA

A CURA DAS DOENÇAS PELAS

PLANTAS, livro útil às boas donas da

casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50.

Pedidos a administração de A Batalha

A BATALHA

NENO VASCO

A Revolução Social

Numerosos marxistas (da espécie dos "menxeviques" russos) punham a revolução e o socialismo como coramento dum período de prosperidade capitalista.

Sem querer por isso retardar a revolução, sem de modo algum preferir por esse motivo que se deixe fugir o primeiro ensejo favorável, também nós desejávamos que essa boa oportunidade coincidissem com uma era de desenvolvimento industrial e de abundância — a máxima abundância possível em regime de restrição.

Mas o que é acima de tudo necessário é aproveitar a primeira oportunidade, venha ela quando vier. Quanto mais fácil a revolução, mais difícil a reconstrução, a edificação dum mundo novo. Seja! Mas deixar que a burguesia desenvolva a sua riqueza é permitir que ela aumente em proporção o seu poder, os seus meios de defesa e de ataque, é levantar no caminho da revolução obstáculos terríveis, porventura insuperáveis, é obrigá-la a gastar-se em repetidos e sangrentos esforços — para afinal encontrar sempre enormes dificuldades de reorganização.

Tudo bem pesado, a revolução "prematizada", como diriam aqueles marxistas, é sempre economia de forças, de tempo e de vidas. Ela reorganizará depois a vida social melhor e mais depressa que o capitalismo, quaisquer que sejam as suas imperfeições, demoras e estorvos. Ela será sempre uma aceleração evolutiva, um truncamento de horizontes novos, uma preparação e uma estrada aberta para uma vida melhor e mais livre.

O facto é que o momento revolucionário por excelência surgiu durante e após a universal tempestade de chacin e devastação, e que a revolução social foi precisamente iniciada na Rússia, país atrozado sob muitos pontos de vista.

Como disse Lênine, foi justamente esse atrozado que deu a vitória ao socialismo. País agrícola, industrialmente virgem, a Rússia tinha saltado por cima das fases intermediárias na indústria capitalista, e o seu industrialismo começava a desenvolver-se com um ritmo mais apressado do que nos outros países, aproximando-se do tipo norte-americano.

Mas a revolução — que para ele foi realmente prematura — veio surpreendê-lo ainda tenro e débil. Não tivera tempo de se consolidar, de criar em seu torno uma legião média de co-interessados, de recrutar no seio do proletariado um reformismo gompertista, colaboracionista, tão útil à burguesia liberal. Não se formara ainda uma "burguesia liberal" suficientemente forte e numerosa, capaz de atrair massas operárias e de se servir delas para deter a revolução e firmar o regime.

Apoiando-se sobre a classe aristocrática-burocrática e o militarismo, o tzarismo caiu miseravelmente, abandonado de todos, quando a burocracia patenteou a sua impotência e corrupção e o exército se revolucionou e desfez com os horrores da guerra e com a desorganização da máquina burocrática.

A burguesia tentou segurar a herança tzarista, mas as suas forças minguaram-lhe, mesmo depois de ter afivelado a máscara do "socialismo" à Kerenski. Dentro de oito meses, estava a revolução nas mãos do proletariado, já numeroso e cheio de ardor, trabalhado pela mais activa e exemplar das propagandas socialistas e revolucionárias, cujo incremento se tornou assombroso durante aqueles oito meses de agitações fecundas e de lutas apaixonadas.

E agora, para confronto, lancemos os olhos para a industrializada Alemanha, onde o comunismo revolucionário abre caminho a custo num proletariado corrompido pela burocracia pseudo-socialista e pseudo-operária, onde os espartaquistas sofrem sucessivas derrotas, que, se não são desmormentadoras e definitivas, nem inuteis, prolongam uma luta dolorosa e sangrenta contra os vários inimigos da emancipação social, cada qual mais feroz e perigoso: dum lado uma forte burguesia e um forte militarismo, correlativo do industrialismo; do outro, o falso socialismo "menxeviquista" ou conservador e o burocratismo sindical reformista e colaboracionista, os melhores anteparos do regime capitalista abalado.

III

Um erro aparentado, com o dos marxistas foi o da escola "harmonista", que encontrou superior expressão no aliado livro "A Conquista do Pão". Convém notar que, como sempre sucede, os discípulos ainda exageraram as errôneas conclusões do mestre. Krapotkine, na verdade, considerado sobretudo os seus trabalhos posteriores ao desenvolvimento do sindicalismo revolucionário francês, não tem culpa de certas fantasias harmonistas sobre a revolução e o seu "dia inicial".

O caso é, porém, que o erro inicial — a super-abundância real dos produtos em regime capitalista — se acha insistentemente repetido nos escritos da escola, o que é notável da parte de alguns dos seus teóricos, argutos observadores dos factos sociais e críticos perspicazes dos vícios orgânicos da sociedade burguesa.

Para melhor servir à propaganda e dar à risonha afirmação um aspecto de matemática certa, chegaram os propagandistas a elaborar penosas estatísticas — mais ou menos de fantasia, como não poderia deixar de ser num regime de fraudes, concorrência e assambramento de interesses antagónicos e desleixo burocrático.

Teve uma enorme difusão, por exemplo, um folheto — "Os produtos da terra e os produtos da indústria", em algumas edições aparece com o nome de Eliseu Réclus, mas cuja autoria, segundo se afirma, não pertence ao grande geógrafo. Nesse opúsculo, além das falhas e cifras de fantasia, cometiam-se lapsos grosseiros, como o de não deduzir da alimentação humana as não desenháveis quantidades de cereais e de legumes (milho, batata, feijão, etc.) consumidas pelos animais domésticos de todas as espécies.

Uma das preocupações dos defensores desta ideia era combater as doutrinas de Malthus. A verdade é que, com efeito, se apresenta formidável o problema da limitação consciente e voluntária da população — que, porém, só poderá ser resolvido por uma humanidade livre e esclarecida, senhora da terra e dos meios de produzir. Hoje, a própria luta directa anti-paternal não consegue modificar, senão de modo

instável e apoucado, as relações entre o salariado, dono apenas dos seus braços, e o detentor dos meios de produção, que limita os produtos ao poder de compra dos consumidores, quaisquer que sejam as suas necessidades e o seu número.

Mas o fio principal desta propaganda optimista, contraditória com a natureza e funcionamento da organização burguesa, era mostrar a facilidade dum revolução social e dum pronta e completa remodelação da sociedade em bases novas. Tais eram, pelo menos, as suas consequências.

Com efeito, essa crença na abundância favoreceu certas concepções simplistas, que levavam o proletariado de encontro a perigosos desenganos. Assim, quanto à ideia da greve geral revolucionária, como meio de expropriar a burguesia. A classe trabalhadora, segundo muitos grevegeneralistas, esperaria tranquilamente, de braços cruzados, que o capitalismo se rendesse pela fome, depois de reduzido o Estado à impotência pela disseminação das suas forças e pela paralisação dos seus movimentos. Para ajudar a capitulação, exercer-se-ia a sabotagem em larga escala, destruir-se-iam produtos (havia disso aos pontapés), pontes e meios de transporte — o que se pode comentar com o dito popular: "sobre queda, coice".

E certo que esta concepção optimista da greve geral vinha de longe. Vinha da Internacional. No Congresso de Genebra de 1873, Jukovski afirmava "bastar suspender todo o trabalho durante dez dias apenas para desabar inteiramente a ordem social" — o que fará sorrir os militantes mais ingênuos dos nossos dias.

Entretanto, o optimismo subsistia quasi intacto em França, quando em 1900 floresceu o sindicalismo revolucionário, e então já se apoiava confiadamente na abundância de produtos. Fez-se, porém, larga propaganda entre os operários fardados, o que já era uma importante correcção.

Há mais, porém, como consequências nefastas do erro sobre o quantitativo da produção.

Avontava-se a revolução com a persuasão de haver muito tempo para reorganizar a produção, para o fazer com todo o vagar e método, com os últimos aperfeiçoamentos e vantagens desde logo.

Como os benefícios da revolução eram imediatos e gerais e o povo nadava desde princípio na fartura, não ficariam vestígios de reacção nem riscos de contra-revolução. Tudo se converteria, como por encanto, ao comunismo libertário; como por encanto, surgiriam de todos os lados os grupos de homens de boa vontade, de anarquistas, para distribuir as riquezas e reconstruir a sociedade.

Suprimia-se simplesmente, não só a tormenta revolucionária, que pode ser longa e dolorosa, mas ainda o penoso e demorado período de transição, durante o qual se elaborarão as novas formas sociais através das lutas de tendências, afirmando-se estas na medida da sua iniciativa e da sua audácia, conforme as suas forças ideais e numéricas.

Certamente, alguma coisa — e muito — tem a revolução social que dar ao povo. Pelo menos a consciência de que é livre e dono emfim dos seus destinos. Mas também terá que lhe pedir pesados sacrificios — porque é preciso reconstruir um mundo e tudo são escombros e misérias.

Do que ele é capaz mostraram-nos as revoluções recentes, e sobretudo a revolução russa. Aqueles que recusavam ontem bater-se pelo tzarismo e pela burguesia imperialista, por interesses alheios, batem-se hoje com ardor em defesa da sua revolução. Aqueles que ontem exigiam do seu explorador menos horas de trabalho, fazem, se preciso for, dupla jornada, na convicção de que é para seu próprio bem e salvação.

E a tarefa dos anarquistas é lutar, na revolução, para que isso seja uma realidade positiva e inofensiva, para que o povo veja desde logo que é dono a valer dos meios a produzir, não através de qualquer ficção democrática, mas directamente, como comunidade de iguais e por meio de cada um dos seus membros.

(Continua)

CONSELHO TECNICO —DOS— TRABALHADORES DO TRAFEGO DO PORTO DE LISBOA

O Conselho Tecnico deste Organismo comunica às Agências de Navegação, Consignatários e Comércio em geral, de que procede às cargas e descargas nos Entrepósitos do Porto de Lisboa, com a máxima rapidez e boa execução, sob condições consentâneas de preço.

Escritório: Largo do Marquês do Lavradio 6, 1.º
Tel. 629 Central — PRAÇA DO COMERCIO

NA MINA DE S. DOMINGOS

A injustificável prisão dum camarada

Da Mina de S. Domingos comunicam-nos ter sido ali preso há dias o nosso camarada Valentim A. João, que se encontra na esquadra da Empresa, parece que sob a acusação de implicado num atentado, atoarda insubstistente que não impediu que o puzessem em rigorosa incomunicabilidade, bem como a outro operário recentemente despedido e que está a ferros no quartel da G. N. R.

Diminui um tanto o rigor a que o camarada Valentim está sujeito, parecendo também que a perseguição de que está sendo vítima se filia, sobretudo, no facto de lhe atribuírem falsamente as correspondências que no nosso jornal temos publicado sobre o que nós vimos e na localidade se passa. Corre ali também com insistência que, em face de se provar a injustiça tremenda que representa a sua prisão, o citado camarada vai ser posto em liberdade.

DOCUMENTÁRIO

Um manifesto de feição doutrinária

Boston, Novembro. — Quando esperavam, ainda, na Immigration Station de Boston, o momento da deportação, os portugueses Alves Pereira, António Costa e Diamantino Teixeira, redactores de *A Luta*, folha liberal, fizeram distribuir um manifesto em que explicam a sua atitude e as suas ideias. Grande número de jornais referiram-se ao manifesto, transcrevendo-o todo ou parte. Nós decidimos, também, transcrever o dito manifesto, que foi dirigido ao povo e, especialmente, aos trabalhadores:

«Sempre que no mundo apareceu um homem generoso que se compungia com o mal dos seus semelhantes, sempre que no mundo apareceram homens altivos e rebeldes que, perante todas as escravidões e tiranias, não recuaram nunca exteriorizar o seu protesto e a sua revolta — esses homens foram sempre perseguidos, encarcerados, deportados e, muitos deles, até estrangulados no patíbulo, torturados no pórtico e na fogueira.

Duas causas essenciais têm sido sempre o motivo constante dessa luta titânica e antagónica, cuja solução será impossível enquanto perdure este infimo sistema social que a uns facultava todas as comodidades indispensáveis à vida, sem que nada produzisse em benefício do povo — enquanto que a outros facultava apenas privações, misérias e vexações, não obstante se esfalsarem na produção de todas as riquezas.

Foi pois, povo trabalhador, indignados com estes contrastes injustos e criminosos que nós, desprezando sacrificios e ironias insultuosas, nos devotámos à vossa causa, à causa do povo escravizado e oprimido, combatendo simultaneamente todos os causadores de todo esse mal — os tiranos da governação, os escaripantes do capital que vos exploram e os embusteiros das religiões que vos iludem premeditadamente com os intuitos reservados de vos destruir todos os anhelos de libertação e de bem-estar, porque alcançadas estas regalias eles já jamais poderiam viver regularmente à custa do produto do vosso trabalho.

E porque combatíamos todas estas entidades nocivas e prejudiciais à felicidade do povo em geral e a dos trabalhadores em particular, é que começamos por nos perseguir e por nos encarcerar — levando-nos perante os tribunais como réus dum crime terrível, o crime de desejar a destruição de todos os governos organizados e de todas as castas exploradoras e prejudiciais.

Sim! os verdadeiros réus, que são todos os juizes, governantes, embusteiros e exploradores, escutando-se numa coisa vaga e indefinida — a lei — que se arvoraram em juizes, condenando-nos à deportação para longe das nossas famílias.

Cabe-nos, porém, agora aqui fazer duas perguntas: O que é a lei, em nome da qual nos deportam? Para que serve a lei?

Antes de mais nada vamos tentar responder sinteticamente à primeira pergunta.

A lei não é o produto dum momento; é, pelo contrário, o resultado lento dum sem número de evoluções.

Contam-nos os sociólogos que a humanidade nos seus primórdios vivia comunitariamente livre e igualitária. Trabalhavam todos segundo as suas forças e consumiam segundo as suas necessidades. Não havia chefes na aceção moderna da palavra. Tão pouco existiam leis repressivas e despóticas, mas somente usos simples, costumes morais, costumes e usos estes que se tornavam para eles em preceitos respeitáveis e em ritos enérgicos e inofensivos à sua independência.

Foi só mais tarde, quando o espirito arguto e ambicioso de alguns membros da tribo ou da comuna se quiseram salientar, usando os seus poucos conhecimentos com a mira de ficarem como casta privilegiada, para assim viverem à custa do trabalho dos seus semelhantes; foi só mais tarde, diziamos, depois dos usos simples passaram a costumes inveterados, e depois a necessidades quasi imprescindíveis, devido às inúmeras guerras suscitadas pelas tribus ou comunas vizinhas ou imigratórias, que a Lei surgiu terrível na sua inflexibilidade e ao implacável a salvaguardar os interesses inconfessáveis, os roubos descarados, os abusos mais grotescos e as tiranias mais abomináveis.

A Lei, filha assim da força bruta, começou então a ser imposta por uma ou por mais pessoas, a todos os demais. Já não era um uso simples, um costume moral atacado unanimemente pela tribo ou pela comunidade: começou a ser uma ordem imposta à força — a vontade onipotente dum ou mais homens — que tinha que ser aceita sem discussões, quando não fosse a bem era ao mal.

E foi assim, pouco e pouco, de evolução em evolução, que se chegou à sintetização de todos os usos, costumes, preceitos e ritos num só corpo: a Lei. E à maneira que esta se ia concentrando nas mãos dum, ou duns poucos, os outros, a grande maioria, ia ficando oprimida e escrava, tendo que obedecer e trabalhar para os outros. Daqui vem, como se vê, a origem de todas as desigualdades e tiranias; a origem de todo o mal e de todas as injustiças sociais. E daqui vem também, como se vê claramente, a origem de todos os descontentamentos e rebeldias.

Mas, para que serve, pois, a Lei?

A esta segunda pergunta, feita acima, quasi que era escusado responder, dado o que já apresentamos; mas, todavia, vamos fazê-lo:

A Lei serviu sempre, serve ainda hoje, servirá ainda amanhã, se a humanidade não se emancipar, para acorrentar os exploradores, ao cargo triunfal de todos as explorações, submetendo-o humilhantemente à vontade onipotente de todos os tiranos.

A Lei serve só para acorrentar os pequenos aos grandes, os explorados aos exploradores, os crentes aos charlatões, os tiranizados aos tiranos; só serve para cimentar e sancionar todas as escravidões e bandas de leirões, só serve para perpetuar todos os predomínios políticos, religiosos e sociais, consentindo todas as desigualdades.

O Congresso das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais

PORTO, 23. — No próximo dia 5 de Janeiro, deve efectuar-se o Congresso das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais de Portugal. Este acontecimento tem despertado um justificado e entusiástico interesse entre os operários amigos da instrução popular.

Neste Congresso, ao qual assistirá a distinta professora sr.ª D. Vitória Pais, que vem tomar parte na comemoração do aniversário da Escola Racional de Vila Nova de Gaia — deve tratar-se temas interessantes e de uma maior unanimidade de vistas entre todas as escolas existentes e, portanto, a uma mais intensa vitalidade expansiva que a Federação referida não prescindia para levar a cabo a sua tarefa renovadora que se propõe efectuar.

Nem outra coisa é de supor. A reacção, tripudiando livremente nas suas múltiplas manifestações de bestialização humana, recusa cada vez mais as suas garras para esgarçar aquela massa encefálica espiritual a que se convencionou chamar consciência. Na criança, que está, desgraçada e quasi totalmente abandonada à hipocrisia irritante dos mastodontes do fanatismo, os efeitos da garraço jesuítico-clerical são ainda mais desastrosos. Quando atinge a sua maturação, está completamente deturpada a sua estrutura cerebral. Não é um ser raciocinante, investigador, sentimentalmente inteligente. É uma aberração, um organismo profundamente automatizado, um sopro lamentavelmente maquinal que influências estranhas animam a seu belo prazer.

Ora a reacção, além de possuir as suas escolas de corações de Jesus, estende os seus tentáculos encivilhantes pelas próprias escolas oficiais. Mas quando, por um mero fenómeno esporádico, o rosário não consegue, nesta ou naquela parte, enroscarse na palmaria oficial do ensino do Estado, temos, pelo menos, a catequese patriótica e de outros prejuizos impostos pela educação tarada de um meio social-pedagógico pútrido que os métodos laicos acarinhavam.

A par disto, a picada turgida do analfabetismo, por tudo isto, é que a Federação das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais precisa do máximo alento, da máxima força, para poder oventamente singrar na sua acção altamente educativa, conforme as suas directrizes de finalidade libertadora.

A Federação propõe-se constituir como que uma célula colaboradora da C. G. T., visto que esta, mercê das suas dificuldades financeiras, não pode dedicar a este cuidado necessário pela instrução, pelas escolas sindicais que é mister desenvolver em todas as profissões de útil labor humano.

Acima e fora de toda e qualquer doutrina religiosa ou credo político, procurará, gradualmente, desenvolver o mais possível o seu grau de acção. Não se limitará apenas a metodizar o simples ensino de instrução primária. Nos seus objectivos está demarcada a luta pela elevação moral e social da criança na sociedade, a fim desta ser um fruto digno da Humanidade. Procurará, aplicando à criança o ensino racionalista mais perfeito, formar o eu da mesma criança, para que ela livremente possa caminhar no campo amplo e despedregado da Ideia Livre. Destarte, manterá "como princípio íntegro, a luta contra a sociedade capitalista e estatal" — por meio da maior difusão instrutiva em cujos resplendores suas famílias, centenas de pessoas que não se curvam à sua nefanda vontade.

E porque nós éramos desistes, e porque nós a combatíamos como uma infame megera, combatendo simultaneamente todos aqueles que, em seu nome, cometem as mais nefandas tratantadas, ela a Lei, levou-nos aos tribunais, fez-nos encarcerar — e vai agora deportar-nos para longe — vai arrancar-nos ao seio das nossas famílias com uma semcerimónia inextorável, despótica.

E tudo isto é, povo trabalhador, por desejarmos o teu bem, o bem de toda a humanidade sofredora e faminta.

Vamos ser deportados. Por todos estes sacrificios, por todas estas privações, nossas e de nossas companheiras, nada exigimos de ti, povo trabalhador! Apenas desejamos que tu abras os olhos e vejas quanto tens sido vítima dos charlatões de todas as religiões, de todos os Neros da governação e de todos os exploradores da Wall Street e seus satélites, e que, assim, te resolvas quebrar todas as gólgias da escravidão a que tens estado, e estás ainda submetido, proclamando, finalmente, uma sociedade livre e igualitária, onde não haja leis arbitrárias, nem chefes — despotas.

Notas várias da Lisboa triste

Colhido por um "sid-car"

No Banco do hospital de S. José recebeu curativo e seguiu depois para casa, Manuel de Carvalho, de 11 anos, natural de Castanheira de Pera, "groom", residente na rua das Atoafas, 41, e que, no Rossio foi colhido por uma "side-car", ficando ferido nas pernas.

Queda desastrosa

No posto da Cruz Vermelha do Calvário foi pensada e recolheu a casa, Maria da Cruz, de 29 anos, natural e residente nos Olivais e que caiu ao apar-se de um carro eléctrico em Santo Amaro, ficando ferida no rosto.

Queimado no rosto

Na enfermaria infantil do hospital Estefânia deu entrada Avelino dos Santos Freire, de 3 anos, natural de Lisboa, residente na travessa do Gibraltar, 5, 1.º, que ali ficou queimado, no torax e pernas com agua fervente.

O perigo das armas de fogo

Na rua da Oliveira reside o guarda da policia n.º 281. Ontem, cerca das 19 horas uma das filhas deste foi mexer na pistola do pai, a qual se disparou, indo o projectil atingir uma irmã mais velha, Belmira Rosa da Cruz, que ficou ferida no ventre. Transportada para o hospital de S. José chegou ali já morta pelo que depois de verificado o óbito foi o cadáver removido para a Morgue.

Todos os trabalhadores devem ler e propagar 'A Batalha'.



Vida Sindical

Câmara Sindical do Trabalho
DE LISBOA

Comissão administrativa

Reúne amanhã, domingo, pelas 16 horas.

Conselho geral

Para continuação dos trabalhos pendentes da sessão anterior, reúne na próxima segunda-feira, pelas 21 horas.

Convocações

DIAS PRÓXIMOS

Federação Corticeira. — O Conselho Federal reúne amanhã, pelas 11 horas.
Manipuladores de Pão. — Reúne amanhã, pelas 20 horas, os delegados que tomarão parte no congresso local para apreciar o relatório a apresentar à próxima assembleia.

— Todos os camaradas que possam dever vir ao Sindicato para distribuir manifestos para a assembleia que segunda-feira, às 10 horas se efectua.

Juventudes Sindiclistas

Núcleo de Lisboa. — Como foi anunciado é já amanhã que se realiza, pelas 17 horas, a reunião do secretário central com os camaradas jovens sindiclistas manipuladores de pão para assuntos de organização, que tanto se torna necessário, para que a mocidade dessa indústria se organize e eduque e deixe de frequentar os antros de desmoralização.

SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo Recreio Excursionista. — Comemora o seu 6.º aniversário com grandiosas festas que se realizam a partir de hoje a 31 de Janeiro próximo futuro.

União Chelense. — Domingo, 26, às 17 horas, Concerto musical pela Sociedade Musical Instrução Libertada (Ajuda).
Às 21 horas, "Soirée" dançante.
Concentração Musical 24 de Agosto. — A' manhã, às 21 horas, baile.

Doenças súbitas

Na enfermaria n.º 9 do hospital de S. José deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora e que pelos documentos que lhe foram encontrados parece tratar-se de Francisco Pedro Nogueira, carpinteiro, e residir na travessa de Santa Catarina, 7, 4.º d.º, o qual foi acometido de doença súbita na Avenida Almirante Reis, tendo chegado ao hospital sem fala.

— Na Morgue deu entrada um indivíduo de nome Francisco Teófilo Fervereiro, que foi acometido de doença súbita, num estabelecimento do Rossio, tendo chegado ao hospital de S. José já morto.

A guerra na China

LONDRES, 24. — Os nacionalistas chineses repudiaram as propostas do memorando inglês. (—L.)

A Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs emite efusivos votos de boas festas a todos os seus estimados clientes e espera continuar recebendo suas honrosas ordens pelos telefones Norte 5521 e 5528.

POLICLINICA POPULAR

Rua Moraes Soares, 114

Telef. 5460-N.

Cirurgia, Operações — Dr. Abel da Cunha — às 15 horas.
Estomago, Intestinos e Fígado. Clínica Geral — Dr. Eduardo Neres — às 11 e 15 horas.
Coração e Pulmões — Clínica Médica — Dr. Leão da Silva — às 16 horas.
Doenças da boca e dentes — Dr. Gonçalves Viterbo — das 9 às 11 horas.
Doenças das crianças — Dr. Fias de Matos — às 12 horas.
Doenças dos olhos — Dr. Sousa Aguiar — às 15 horas.
Pele e sífilis — Dr. Oliveira Feijó — às 11 horas.
Doenças das mulheres — Dr. Rabel Pereira — às 17 e 19 horas.
Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Gomes Coelho — às 11 e 15 horas.
Rins e vias urinárias — Dr. Fontoura Madureira — às 9 e 15 horas.
Raios X — Dr. Alcu Saldanha.

Análises clínicas, vacinas

Policlínica do Rato

Praça do Brasil, 45, 1.º

Telefone N. 1200

Dr. António Monteiro — 11 horas — Clínica geral, seniores, crianças e partos.
Dr. Julio Gonçalves — 13 horas — Boca e dentes.
Dr. Lourenço Guimarães — 13 e meia — Rins e vias urinárias.
Dr. António Fernandes — 13 e meia — Medicina geral e doenças nervosas.
Dr. João Saraiva — 15 e meia — Doenças dos olhos.
Dr. Tavares do Couto — 15 e meia — Garganta, ouvidos e nariz.
Dr. João de Moraes Sarmiento — 16 horas — Ginecologia e operações.
Dr. Rivalva Saavedra — 17 horas — Pulmões, pele e sífilis.
Dr. José Crespo — 17 e meia — Clínica médica, estomago, intestinos e fígado.
Dr. Alcu Saldanha Cruz — Raios X.

Análises clínicas, electroterapia, massagem e ginástica médica

Agremiações várias

"Terra Livre." — Reúne amanhã pela 14 horas.

Entre os reformistas

PARIS, 24. — O congresso dos funcionários públicos aprovou uma moção pela qual estes aderem à C. G. T. (—L.)

Barros no *Rigoletto* e amanhã é a primeira representação da *Boème*.
— No Maria Vitória, o *Sempre Fixe* está fixo como uma rocha.
— No Coliseu dos Recreios, a grande companhia de circo, onde não falta a *Bala Humana*, número espantoso.